

George Cutting

COMO OUVIRÃO?

**Como Deus alcançará os
milhões de perdidos?**



"COMO OUVIRÃO?"

**Como Deus alcançará os milhões de
perdidos?**

George Cutting (1843-1934)

Foto da capa: [Anca Gabriela](#) - [Unsplash](#)

Publicado como E-book
Por: Participantedecristo.com
Revisão: Amal Hachouch

Traduzido do original em inglês:
How shall they hear?
Publicado em inglês por:
Mybrethren.org

Leia mais artigos de George Cutting em
<https://www.brethrenarchive.org/people/george-cutting/>

"COMO OUVIRÃO?"

Como Deus alcançará os milhões de perdidos?

George Cutting (1843-1934)

A pergunta que temos diante de nós se refere a boas novas trazidas do céu a este mundo. *O Remetente* é o próprio Deus. Seu *tema* envolvente: um homem outrora crucificado aqui, mas ressuscitado dentre os mortos e glorificado – o Filho amado de Deus (Rm 1:3,4). *O Relato* foi anunciado pelos apóstolos por intermédio do "Espírito Santo enviado do céu" (1Pe1:12). A *intenção divina* - Deus deseja que "todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade" (Mc 16: 15; Lc 24:47; 1Tm 2:4; At 17:30).

Na conclusão de uma longa carta revelando as glórias desta mensagem celestial, suas maravilhosas possibilidades e seus graciosos e extensos resultados, uma questão é levantada pelo Espírito de Deus através da pena do apóstolo. Se essa mensagem proclama o perdão, a paz e a salvação e por meio dela se obtém uma "alegria indizível", "uma herança incorruptível" e "vida eterna", e se essa mensagem abrange "todos os homens em todos os lugares",

Como ouvirão? [Rm 10:14]

É sobre esse assunto e suas implicações que vamos discorrer nas próximas páginas.

Duas respostas imediatas a essa pergunta surgem diante de nós:

1. A resposta comum dos cristãos professos, como podemos ver pelos seus métodos estabelecidos há um longo tempo.
2. A resposta de Deus conforme vista nas Escrituras.

Infelizmente as duas respostas não coincidem perfeitamente.

É admirável que, apesar de todas as dissensões na Igreja professa de hoje, exista entre elas um acordo quase universal a esse respeito.

Substancialmente, a resposta conjunta é a seguinte: *Provemos o local de pregação. Asseguramos o pregador. Estabelecemos o horário. Alegrementemente convidamos todos: Venham a nós e ouçam.*

Quem afirma haver uma semelhança disso com a simplicidade da apresentação primitiva das boas novas – plena, clara e não adulterada – pode estar tendo uma visão turva e mutilada disso.

Entretanto, o verdadeiro valor da resposta a esta pergunta não deve ser avaliado de acordo com a universalidade da sua adoção entre os homens, mas pela satisfação que ela traz ao coração de Deus. Isso vamos considerar mais adiante. Primeiro, faremos um sério questionamento:

O resultado da nossa resposta nos satisfaz?

Um homem começa a travessia de uma montanha. É a primeira vez que ele toma esse caminho, então ele busca direção. Alguém entendido lhe diz que se ele tomar certo caminho, a viagem a pé levará duas horas. Ele inicia sua jornada com vigor seguindo o caminho apontado para ele. Prosseguindo, ele não percebe nenhum sinal de aproximação do seu destino. Passam-se quatro horas cansativas, e ainda não vê nenhum sinal da chegada. Você não acha que seria um bom momento dele se questionar: “Não tomei o caminho errado em algum lugar?” Isso seria sabedoria, certamente. Então, tentemos aplicar essa figura ao assunto que temos diante de nós.

Foi recentemente declarado publicamente em Londres por um diácono conhecido, e alguém, portanto, em posição de falar com bastante autoridade a esse respeito, que apenas cerca de dezoito por cento dos

seus seis milhões e meio de habitantes frequentam uma igreja ou uma capela de qualquer natureza. **Os outros cinco milhões de pessoas não vão a lugar nenhum para ouvir o evangelho!**

E o que é ainda pior, o eco desta séria confissão pode ser ouvido em quase todas as cidades, aldeias e vilas do país.

Não seria tempo, tendo esses fatos diante de nós, de começarmos a nos perguntar: Não tomamos o caminho errado? Pois quem poderia ficar satisfeito com métodos que produzem esse tipo de resultado?

Se o homem da nossa ilustração permanecesse perambulando por aquele caminho escarpado, não deveria se surpreender se dobrasse o tempo especificado para a chegada ao destino, sem sucesso.

Se a Igreja professa tivesse demonstrado tal falta de energia para tornar o *seu* plano bem-sucedido, ela também não deveria ficar surpreendida com o fracasso.

Mas não é isso que acontece; longe disso. Todas as estratégias possíveis foram adotadas. Nenhuma dor foi poupada (não discutimos o caráter dela aqui).

Estruturas caras foram erguidas para atrair *os olhos das pessoas*.

A cultura mental proveu ao púlpito conteúdo agradável à *mente das pessoas*.

A música (vocal e instrumental) tem sido muito procurada para satisfazer *os ouvidos das pessoas*.

Na verdade, pode-se perguntar: o que foi deixado de lado na tentativa de tornar bem-sucedidos os mais variados apelos competitivos do **VENHA A NÓS?**

Apenas a mais uma coisa. Este desejo de agradar os homens e atraí-los

para “nossos lugares” abriu a porta para um dos artifícios mais sutis de Satanás. Embora ele seja mortal até o último grau, não tem somente sido amplamente adotado, como também está evidentemente ganhando popularidade a cada dia.

“Se você quer agradar aos homens, diga-lhes aquilo que os deixará satisfeitos consigo mesmos!”

Portanto, se você quiser encher seus bancos, mude sua pregação para se adequar ao ouvido popular! Negue ou esconda aquela parte das Escrituras que deixaria os homens doentes por causa dos seus pecados. Diga-lhes que há pelo menos um pouco de bem neles (apesar do que diz Gn 6:5; Jr 17:9; Mc 7:21-23). Diga a eles que esse germe do bem só precisa ser devidamente cultivado para torná-los aptos para o céu (não obstante Rm 7:18, 8:8). Mostre-lhes que, consistente com isto, nem o novo nascimento nem a redenção pelo sangue são necessários (desafiando Jo 3:5; Hb 9:22). Sorria com incredulidade e assegure-lhes que falar do inferno e do banimento eterno de Deus destinado para aqueles que rejeitam desafiadoramente a provisão da Sua graça é apenas um erro vulgar de uma teologia desatualizada (apesar de Mt 25:46, Mc 9:43-48); e embora você possa não atingir a consciência deles, pelo menos terá a satisfação de alcançar seus ouvidos. Sua pregação irá *agradá-los*; a presença deles irá *agradar você*!

Acreditamos sinceramente que este é um dos últimos frutos amargos do nosso método “*Venha a nós*”.

É impossível que tal estado de coisas possa *nos satisfazer*. Então agora vamos seguir para a próxima pergunta,

O que isso tem a ver conosco?

Será suficiente suspirar profundamente e depois acomodar-se confortável e despreocupadamente em meio a estes milhões de pessoas que perecem? Não, será que não temos feito isso ao ponto de sermos considerados quase tão indiferentes a estas coisas como eles?

Quando Jesus esteve na terra, a visão de milhares de famintos suscitou aquelas graciosas palavras: "*Tenho compaixão desta gente*" [conf Mt 15:32].

Hoje são milhões que passam por necessidades ainda maiores. De que forma estamos expressando nossa compaixão? Vê-los não equivale a servi-los, nem calcular o seu número é atender às suas necessidades.

Certa vez, um advogado se desculpou por não amar o próximo, alegando a dificuldade que teve em encontrá-lo. *Podemos* usar essa desculpa? Impossível! Como moscas domésticas no mês de agosto, eles podem ser achados em qualquer lugar, por toda parte.

Dois ou três anos atrás, um grande estabelecimento comercial no coração de Londres pegou fogo e vários funcionários pereceram nesse incêndio. As pobres vítimas podiam ser vistas nas janelas superiores do prédio buscando em vão por ajuda, enquanto as multidões nas ruas testemunhavam ansiosamente sua angústia.

Por que eles não foram resgatados? Eles não puderam ser alcançados! Mas não havia escadas de incêndio em Londres com extensão longa o suficiente para alcançá-los? Sim. Mas elas não foram trazidas. Mas não houve falta de atividade e movimentação na tentativa de ajudá-los. Recorreu-se a muitas coisas, mas todas foram inadequadas.

O triste acontecimento pareceu refletir seriamente sobre os responsáveis, embora seja bem possível que nenhuma culpa real possa ser atribuída a alguém. Mas e se os bombeiros tivessem enviado uma mensagem deste tipo ao local de necessidade: "Temos aqui esplêndidas escadas de incêndio. Se aqueles que precisam delas *vierem até nós*, faremos o nosso melhor para ensiná-los a usá-las"? *Quem*, em perfeito juízo, você diria, iria brincar assim com a segurança dos corpos dos homens? O que dizer então de suas almas? O que dizer dos milhões que perecem nessa mesma cidade - que ainda não foram alcançados pelo evangelho de Deus - o evangelho que é "o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê"? (Rm 1:16).

E nossa preocupação terminaria aqui? Diríamos: "Se eles não decidirem *vir até nós*, dentro do que compete a mim eles não ouvirão a mensagem de Deus"? Que magnífico triunfo para Satanás! Deus, livra-nos até mesmo da "aparência" disso.

Tendo agora considerado a resposta do homem a essa pergunta e seus resultados, vamos buscar conhecer

A resposta de Deus

Não hesitamos em dizer que qualquer mente sem preconceitos que tenha as Escrituras diante de si não deixará de ver que, em ousado contraste com o elaborado sistema do homem, o caminho de Deus permanece firme em sua própria simplicidade altruísta.

Se os pecadores *desejam* ouvir, que venham a nós! é o nosso caminho.

Se você *desejar* que eles ouçam, **vá até eles!** é o caminho de Deus. E Ele não nos deixa satisfeitos em ir como meros agentes de publicidade, levando uma mensagem de outra pessoa, de segunda mão. O Senhor confere a cada crente na terra a honra de ser uma testemunha pessoal da graça que ele mesmo recebeu:

Ainda que um cristão não tivesse a língua para falar, teria o privilégio de mostrar o que Jesus fez por ele.

"Deixe todo mundo ver,
Se Cristo te libertou;
E quando isso os deixar desejosos,
diga: Jesus morreu por ti."

Mas vamos prosseguir para o testemunho de Deus nas Escrituras.

A palavra do Senhor **ao endemoninhado libertado** foi: "*Vai para tua casa, para os teus*" e "*conta aos teus tudo o que Deus fez por ti*" (Mc 5:19; Lc 8:39).

Para o servo quando as coisas estavam preparadas para a "Grande Ceia" - "*Sai depressa para as ruas e becos da cidade*" (Lc 14:21).

Aos apóstolos: "*Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura*" (Mc 16:15). E mais tarde, quando foram libertos da prisão-"*Ide e, apresentando-vos no templo, dizei ao povo todas as palavras desta Vida*" (At 5:20).

Para Filipe, o Evangelista - "*Dispõe-te e vai para o lado do Sul, no caminho que desce de Jerusalém a Gaza; este se acha deserto... Aproxima-te desse carro e acompanha-o*" (At 8:26,28). [Observe que o eunuco não foi instruído a se dirigir até Samaria para ouvir Filipe pregar].

Para Pedro (a respeito de Cornélio) - "*Então, o Espírito me disse que eu fosse com eles, sem hesitar*" (At 11:12). [Cornélio não foi enviado para ver Pedro].

Para Ananias - "*Dispõe-te, e vai à rua que se chama Direita... procura por Saulo, apelidado de Tarso*" (At 9:11). [O Senhor sabia tão bem onde Ananias morava quanto onde Saulo estava hospedado, mas Ele não dirigiu Saulo a Ananias, fez o contrário].

Para Paulo – "*Para os quais*" (isto é, aos gentios) "*eu te envio*" (At 26:17).

Mas acima de qualquer outro exemplo, **o próprio Jesus** está diante de nós nas Escrituras preeminentemente como o "Enviado". Mais de quarenta vezes no Evangelho de João Ele se refere a Si mesmo dessa maneira.

O Bom Samaritano (adorável figura do Libertador Compassivo) foi até o local onde jazia o indefeso [Lc 10:25-37].

O Grande Pastor saiu em busca de Sua ovelha perdida e não cessou sua busca até que a alcançasse onde ela estava [Lc 15:3-7]. Os fariseus disseram: "*Este recebe pecadores e come com eles*" (Lc 15:2). Observe o

significado de Sua graciosa resposta conforme percebemos nesta parábola: “Não espero que eles venham a Mim, vou até eles”. Que amável!

Então chegamos ao que podemos denominar seguramente ser

O caminho do serviço aceitável

Sua importância é vista no fato de que cada um dos evangelistas foi inspirado em registrá-lo. Referimo-nos ao incidente da multiplicação dos pães para alimentar os cinco mil [Mt 14:13-21; Mc 5:30-44; Lc 9:10-17; Jo 6:1-12]. Com exceção da multiplicação dos pães para alimentar os quatro mil, esse é o único caso em que todos serviram juntos, debaixo da supervisão imediata e direção pessoal do Senhor. Observe, portanto, como esse serviço foi executado. Era como se o Senhor dissesse: *Não peça a eles para irem para outro lugar. Alimente-os aqui nesse local.*”

Não espere que eles corram atrás de você para receberem o que precisam. Peça-lhes que se sentem onde estão e eu o honrarei com o serviço de levar o que eles precisam até eles.

Venha até Mim e obtenha. Vá até eles e dê. E assim eles fizeram até que, um por um, toda a multidão comeu até se fartar.

Mas, digo mais. Nosso gracioso Senhor não apenas nos disse como Ele gostaria que Sua obra fosse realizada, ilustrando isso por meio de parábolas, Ele também exemplificou isso amplamente em Seu próprio serviço.

Que coração não gosta de meditar naquele delicioso incidente em João 4 onde está registrado: “E era-lhe necessário atravessar a província de Samaria”? (Jo 4:4). Todos nós conhecemos o segredo dessa jornada. Havia trabalho nisso e cansaço envolvidos também, mas isso pouco importava, pois havia *amor* envolvido.

Novamente, se André encontrou Simão, e Filipe encontrou Natanael, foi

de fato o próprio Jesus quem encontrou Filipe (Jo 1:41,43). Bendito Mestre! Felizes os servos que servem de acordo com Ele!

Pouco importa se os homens não estão dispostos a vir até nós, se estivermos dispostos a ir até eles. É a nossa espera até que eles possam ser persuadidos a vir até nós que tem impedido seriamente que eles ouçam o evangelho. São os “pés” *dispostos a levar eles a mensagem a eles* que Deus chama de “formosos” (Is 52:7; Rm 10:15).

Quando Deus olhou para a cansativa jornada de Seu bendito Filho da Judéia até o Poço de Sicar, esteja certo de que se uma palavra de admiração pudesse expressar Seus pensamentos a esse respeito, teria sido esta palavra: “Formoso”! E Ele ainda não expressa ainda hoje essa mesma palavra de admiração quando vê pés dispostos a tomar caminhos semelhantes?

Certamente Deus tem um prazer peculiar na reunião de Seus santos, e Ele tem Sua maneira especial de fazê-lo. Dedicar tais locais de assembleia à proclamação das boas novas, sempre que se encontrarem pregadores para pregar e homens para ouvir, não é apenas nosso privilégio, mas também o prazer de Deus.

Pregar o evangelho ou ensiná-lo num ambiente tão aprazível não pode deixar de ser uma alegria para qualquer servo. Além disso, é um serviço da maior importância.

Os ansiosos e inconstantes precisam disso, e o mais maduro também se beneficiará, terá seu coração alargado. Se os não convertidos estiverem dispostos a comparecer a essas reuniões, podemos muito bem encorajá-los por todos os meios ao nosso alcance.

Mas nunca pequemos contra a luz das Escrituras, limitando o alcance do campo de colheita de Deus a esses lugares. Aqueles que os frequentam já foram “encontrados” ou estão ocupando o lugar daqueles que buscam.

Deus diz: *“Fui achado pelos que não me procuravam, revelei-me aos que não perguntavam por mim.”* (Rm 10:20).

Como isso pôde acontecer? Não foi porque alguns daqueles “pés formosos” se dirigiram até eles com as boas novas que tornaram “manifestado” a eles aquilo que *Ele* é?

Como o Deus Doador foi manifestado à mulher samaritana? Como ela encontrou Cristo? Aqueles “pés formosos”, como vimos, viajaram até onde ela estava. Ele a encontrou como uma pecadora insatisfeita, mas que não O buscava. Ele encheu seu coração com a manifestação de Sua Pessoa, e tornou seus pés “formosos” também; porque tão logo ela deixou seu pote de água, ela saiu em busca de outros!

Pode haver, então, alguma dúvida quanto à maneira que o evangelho foi levado no início, e da razão que o maravilhoso triunfo o acompanhou? Em menos de trinta anos o seu poder foi sentido em todos os três continentes conhecidos – EUROPA, ÁSIA e ÁFRICA!

Mas isso não ocorreu por meio de métodos do tipo “venha até nós”.

Seja na sinagoga judaica, ou em qualquer outro lugar de encontro como a Colina de Marte, ou à beira de um rio, Paulo ia até eles - “publicamente e também de casa em casa” [At 20:20]. É extremamente significativo que o Espírito Santo, que fez o registro desse período, apenas mencione três edifícios usados como locais de reunião cristãos, e nenhum deles era um edifício eclesiástico!

Um “cenáculo”, provavelmente uma câmara de hóspedes (At 1:13), **“uma escola”** (At 19:9) e **“um terceiro andar”** (At 20:9). E, pelo que sabemos, estes eram os lugares usados apenas pelos discípulos.

Está bem claro em 1 Coríntios 14:25 que o incrédulo era livre para visitar esses lugares. Lemos ali: *“tornam-se lhe manifestos os segredos do coração, e, assim, prostrando-se com a face em terra, adorará a Deus, testemunhando que Deus está, de fato, no meio de vós.”*

Mas quem poderia imaginar que os ouvidos de “toda criatura debaixo do céu” poderiam ser alcançados dentro desses limites? [conf. Cl 1:23].

Quantos teriam ouvido Pedro pregar no Pentecostes se ele tivesse permanecido naquele “cenáculo”? Mas ele e os outros homens cheios do Espírito se dirigiram para onde estavam os necessitados; eles foram até o povo.

O trabalhador rural, em certas ocasiões pode encontrar muita coisa para fazer no celeiro do seu senhor; ele encontra no celeiro material para semear, mas o quanto ele verdadeiramente semearia se limitasse seus trabalhos a essas quatro paredes?

Não, não! A palavra do evangelho *não* admite barreiras, nem limitação. “A *palavra de Deus não está algemada*” [2Tm 2:9]. É “*viva e eficaz*” [Hb 4:12]. O desejo do apóstolo era “*a palavra do Senhor se propague e seja glorificada*” (2Ts 3:1), e, assim como acontece com o sol, de acordo com o desejo de Deus, - “*e nada refoge ao seu calor*” (Sl 19:6).

É mais fácil tentar acorrentar um raio de sol em algum porão escuro e esperar ser bem-sucedido em sua tarefa, do que tentar acorrentar o progresso da “palavra fiel” e acreditar que ao fazer isso está agradando ao Deus do evangelho!

“Mas”, alguém diz, “não podemos todos ser pregadores; e lemos: E como ouvirão, se não há pregador?”.

O senso comum aqui é que um “pregador” é apenas um orador *público*. Isso é um erro. Filipe pregou, isto é, anunciou as boas novas a *alguém*. Ele entrou na carruagem do eunuco e “*anunciou-lhe Jesus*” [At 8:35].

A prática do testemunho individual está aberta a todos os que estão pessoalmente familiarizados com Sua salvação, graça e poder.

Mas como pregarão se não forem enviados?

Isto introduz outra consideração muito importante, a saber, o equipamento espiritual necessário de

UM SERVO TOTALMENTE QUALIFICADO

Em que consiste a sua aptidão? Consiste, acreditamos, na medida em que, com a ajuda do Espírito, ele faz uso de duas poderosas forças morais. E podemos acrescentar que o cristão deve a estas duas forças não só o poder de testemunhar, mas também a sua própria existência.

A primeira força é positiva, a segunda é negativa. Ambas são inseparáveis de Cristo, e cada uma é inseparável da outra.

Para simplificar e chamar a atenção do leitor para a primeira delas, na falta de um termo melhor, denominamos de *forças morais*, então seguiremos o exemplo do Espírito e as *personificaremos*.

Pedimos ao leitor que observe cuidadosamente as várias características à medida que são descritas, e diga se não considera que esse servo, livre e desimpedido, pode ser tornar num vaso adequado para fazer a obra de seu Mestre, carregar a Sua mensagem, expressar Sua mente e Seu espírito, e isso em *qualquer lugar*. Eis, então,

SEU RETRATO MORAL

Ele pode sofrer com paciência e ainda assim preservar um espírito bondoso ("O amor é paciente, é benigno").

Pode ver os outros sendo beneficiados sem ter inveja ou ciúme ("o amor não arde em ciúmes").

Não é precipitado, nem insolente ("não se ufana").

Não é presunçoso ("não se ensoberbece").

Não se conduz de forma inconveniente ("não se conduz inconvenientemente").

Altruísta (“não procura os seus interesses”).

Pode suportar aborrecimentos e contradições (“não se exaspera”).

Assume a melhor interpretação possível sobre a conduta de todos (“não se ressentido do mal”).

Não é um provocador de escândalos, se alegra com o que é bom e correto, e nunca se alegra em falar dos pecados e deficiências dos outros (“não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade”).

Muito paciente (“tudo sofre”).

Nunca duvida (“tudo crê”).

Sempre alegre (“tudo espera”).

Suporta qualquer coisa (“tudo suporta”).

E, aconteça o que acontecer, nunca fica sem recursos (“jamais acaba”).

Devemos apenas direcionar nossa atenção para 1 Coríntios 13 para ver que a primeira qualidade no serviço Divino é o AMOR e isto é abundantemente estabelecido nas escrituras.

O AMOR é a marca exterior de todo verdadeiro discípulo, e é o poder interior de todo serviço aceitável. Em 1 Coríntios 13 não nos dizem o que devemos fazer, mas o que o *amor* faz, quer o tenhamos ou não.

“O amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus” [1Jo 4:7]. Sem amor, na estimativa de Deus, não somos *nada*.

Os homens podem ir para a faculdade e aprender a pregar, mas devem ser *ensinados por Deus a amar* (conf 1Ts 4:9). O dinheiro pode construir edifícios imponentes, educar pregadores competentes, treinar coros eficazes e comprar órgãos magníficos; mas “ainda que alguém desse todos os bens da sua casa pelo amor, seria de todo desprezado” (Ct 8:7).

Um homem pode ser ensinado a compreender todos os mistérios, ser bem instruído no conhecimento das Escrituras e pode ser tão eloquente como um anjo para apresentá-lo, mas se não tiver sido ensinado por Deus a amar, não terá poder espiritual para ganhar uma alma para Cristo, será como um sino da igreja ou um órgão de uma capela.

A língua do sino só pode expor o que é o *sino* é, ainda que inconscientemente, o pregador não convertido só pode fazer o mesmo; enquanto uma mão invisível escreve "címbalo que retine" sobre ambos.

O "Big Ben" permite que toda Londres conheça seus poderes sonoros, e "Simão, o mágico" insinuava "ser ele grande vulto" [conf. At 8:9]. Mas Paulo escreveu: "Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor" (2Co 4:5).

"A Testemunha Fiel e Verdadeira - o próprio Cristo" (Ap 3:14), foi a expressão perfeita de *Outro*. O amor que O enviou e que Ele desfrutou constantemente foi também o amor visto constantemente em Sua Pessoa.

O mesmo deveria acontecer com todo verdadeiro servo. E *assim será* de acordo com a intimidade da sua comunhão com esse amor expresso a ele em Cristo.

É claro que somente aqueles que verdadeiramente nasceram do Espírito e receberam o perdão dos seus pecados podem, pelo Espírito Santo, desfrutar disso e somente a esses nos dirigimos aqui.

"Nós amamos *porque* ele nos amou primeiro" [1Jo 4:19]. É conhecendo o *Seu* amor que *amamos* e na medida que o conhecimento do Seu amor aumenta em nós, o nosso amor cresce. O Espírito Santo derrama esse amor em nossos corações (Rm 5:5), e, ao fazê-lo, nosso amor é fortalecido. Portanto, o primeiro "fruto do Espírito" é o "AMOR" (Gl 5:22).

Mas alguém pode dizer: 'como pode acontecer que tendo possibilidades tão maravilhosas na posse do Espírito de Cristo, seja eu capaz de expressar tão pouco?' Isto nos leva à consideração do outro elemento envolvido na aptidão de um servo divinamente qualificado.

Dissemos que os dois elementos desta qualificação são inseparáveis.

Veja uma ilustração. Quando um barco a vapor está prestes a iniciar sua

viagem, duas coisas são absolutamente necessárias.

1. Deve haver uma força motriz forte o suficiente para impulsioná-lo – um motor com vapor para fazê-lo se movimentar.
2. Ele deve ser capaz de resistir e excluir o elemento que o envolve por todos os lados do início ao fim - a água por intermédio do qual ele é conduzido.

Sem este último o barco não iria muito longe; sem o primeiro não sairia do lugar de jeito nenhum. O engenheiro que deseja uma viagem recorde pode pensar quase exclusivamente no primeiro ponto, mas um capitão sábio considerará cuidadosamente os dois.

Agora vamos tentar aplicar nossa figura ao nosso assunto:

1. A força motriz é o amor (“o amor de Cristo nos constrange” – 2Co 5:14).
2. O elemento que nos assedia constantemente é o eu.
3. O único elemento excludente eficaz é a morte.

Portanto, se não quisermos “naufragar” no nosso testemunho, o grande *propulsor* e o grande *excludente* — AMOR e MORTE—devem andar de mãos dadas mãos, juntos.

Até o próprio Adão, fora do jardim, era como esse navio que descrevemos. O conforto da benevolência de seu Criador poderia ser usufruído interiormente, o testemunho humilhante de quem *ele era* podia ser visto na pele no exterior [conf. Gn 3:21; 24].

Mas um desenvolvimento mais maravilhoso da história ainda estava para ser contado. O próprio Criador, velado em carne, viria a este mundo de pecado, e em Sua própria Pessoa Santa faria positivamente uso da morte para fins de amor! Poderia haver algo mais maravilhoso? Bem, talvez os anjos desejem investigar tal mistério [1Pe 1:12]. Mas o seu prenúncio já fora registado muito antes de ser realmente realizado.

A espada de Golias fez Israel tremer? Nas mãos de Davi, essa mesma

arma foi usada para afastar todo o medo de seus corações e encher suas bocas com louvor.

A arma de Satanás, a morte, não atacou com pavor e terror toda a toda raça de Adão? (Hb 2:14,15). “Pela morte” – a morte de Jesus – Deus declarou Seu perfeito amor; e Seu “perfeito amor lança fora o medo” (1Jo 4:18).

Mas ainda temos que aprender outra lição. Havia mais coisas envolvidas na morte de Cristo do que o abandono dos nossos pecados. E a menos que isso seja apreendido experimentalmente pelo Espírito, não poderemos desfrutar dele plenamente, nem seremos testemunhas adequadas desse amor para os outros.

Em cada crente na terra ainda existe uma propensão para o mal, e embora seja nascido do Espírito, tenha Cristo como objeto de suas afeições, e um novo ser tenha sido formado nele, ainda assim “o que é nascido da carne é carne” [Jo 3:6]. Ela não apenas ainda existe, mas não está nem um pouco melhor do que estava no dia em que o homem coroou a maldade de crucificar o Senhor da glória ao apedrejar até a morte um homem que testificou dEle - "Estêvão cheio de é e do Espírito Santo" [At 6:5].

É desta raiz maligna (o eu, como nascido de Adão) que o apóstolo se refere quando diz: “Eu sei que *em mim* (isto é, na *minha carne*) não habita bem nenhum” (Rm 7:18).

Agora, se este princípio do mal que habita em nós era tal que só a morte de Cristo poderia libertar o crente disso, então por essa morte Deus proclamou sua irremediável exclusão do Seu serviço, da mesma forma que Adão foi expulso do Jardim do Eden, quando Deus colocou querubins e o refugir de uma espada que se revolia para guardar o caminho da árvore da vida.

E se não havia mais lugar para o homem caído “cultivar” e “guardar” *aquele jardim*, mesmo antes dele ter chegado ao ponto de assassinar o

Filho de Deus, como pode haver espaço *no atual campo* de colheita de Deus para aquilo que é nascido dessa mesma linhagem degenerada? Se os serviços do *desobediente Adão* foram devidamente recusados, como poderiam os serviços do *assassino Caim* ser aceitos com justiça?

O que temos que aprender é o grande princípio moral de EXCLUSÃO.

Se você pudesse *melhorar* a carne, você faria melhor do que Deus, que a colocou debaixo de várias provas durante quatro mil anos. Se você imagina que pode pôr fim à *sua existência* dentro de você, o Espírito de Deus diz que você está apenas enganando a si mesmo (1Jo 1:8). Aí você diz: O que posso fazer? Repetimos: Aprenda a lição da AUTOEXCLUSÃO.

Gideão, antes de sua grande vitória, precisou aprender isso, ainda que vagamente; e nós também devemos aprendê-la, ainda que seja lentamente. Por ordem especial de Deus, todos os "tímidos e medrosos" foram excluídos das fileiras de Gideão. Vinte mil foram excluídos imediatamente. A *autopreservação* há muito é chamada "a primeira lei da natureza". Pode ser; mas a *autocondenação* e a *renúncia* são os primeiros elementos da vitória da graça.

Depois seguiu-se outra provação. Eles foram confrontados com uma de suas maiores misericórdias: a água. O teste de autogratificação foi aplicado. Todos participaram igualmente da misericórdia, mas nove mil e setecentos deles mostraram sintomas de *autoindulgência* e foram imediatamente excluídos; e "pelo SENHOR e por Gideão!" os trezentos destemidos e abnegados obtiveram a vitória sem eles! (Jz 7:3,5).

Quando os discípulos perguntaram a respeito de sua incapacidade de libertar a criança do poder do diabo: "Por que não pudemos nós expulsá-lo?", o mesmo segredo foi revelado: "Esta casta não pode sair senão por meio de oração [e jejum]" (Mc 9: 28,29).

A oração introduz o Abençoador. O jejum exclui o impedimento.

A morte é o grande excludente, e o jejum é a aplicação da morte *em princípio*. Se fosse levado ao extremo, levaria seu praticante a uma morte real. O jejum é uma forma de *abnegação*, mas é mais: é a *negação de si mesmo*. Até mesmo jejuar no sentido da negação de si mesmo é muito proveitoso na obra individual do evangelho. *A abnegação secreta* traz consigo uma alegria peculiar.

Ele nos permite ministrar mais livremente às necessidades temporais dos pobres à medida que nos deparamos com eles. Um xelim assim usado nas compaixões de Cristo, acreditamos nós, trará mais proveito *real* do que todas as torres majestosas da cristandade, embora valor delas seja expresso em milhões! Conhecemos um trabalhador convertido que comprava dormentes velhos com o fruto de seu trabalho e os cortava para fazer lenha nas horas vagas, levando o resultado de seu trabalho aos pobres e idosos – ele não era um servo mesquinho. [Não foi do próprio homem que obtivemos essa informação, mas de seu vizinho.]

O verdadeiro cristianismo está cheio dessas belezas! A concessão do Dom indescritível de Deus *lhe* custou algo! E mesmo a doação de um ladrão convertido *lhe* custará alguma coisa, para que ele tenha a honra de ser um "imitador de Deus". "Antes, trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que acudir ao necessitado." (Ef 4:28). Mas, retornando ao nosso assunto.

Na cruz Deus escreveu *Seu* "Não" no homem nascido segundo a carne.

Meu próprio conhecimento experimental desse homem me leva, pelo Espírito, a escrever o meu "Não" sobre o mesmo homem (Gl 5:17).

A morte de Cristo exclui completamente toda esperança de bem naquele homem, assim como a maldição da figueira estéril excluiu toda esperança de fruto nela.

Assim o crente aprende *a tomar partido de Deus contra si mesmo*, e julgar em si mesmo aquilo que Deus julgou na cruz.

Que adorável exemplar desse tipo dos “trezentos vitoriosos” foi Paulo! Que *coragem* quando os interesses de Cristo estavam em jogo! (“tivemos ousada confiança em nosso Deus para vos anunciar o evangelho” – 1Ts 2:2). Que *renúncia* absoluta também! (em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida” – 2Co 4:12). Que rédeas apertadas ele segurava! Ele não se dobrou para fazer dos confortos terrenos seu objetivo, embora constantemente estivesse de joelhos pelo bem-estar e conforto espiritual dos outros! Não é de admirar que ele era conduzido em triunfo por toda parte.

Mas talvez algum leitor possa afirmar: “Nem todos somos Paulo”. Não. E mais, *não* há Paulos hoje! Mas temos o Deus de Paulo para agradecer, e o evangelho de Paulo para pregar, e o exemplo de Paulo para seguir, e o equipamento de Paulo à nossa disposição! Tudo o que é necessário é o coração de Paulo para usá-lo e para isso temos o mesmo amor que constrangeu Paulo, e o mesmo poder abençoado do Espírito para espalhar esse amor dentro de nós. Que incentivo!

Mas, apesar disso, alguém pode dizer: "Como eu poderia chegar a esses 'perdidos', ainda que tentasse?"

Como? Considere as duas forças poderosas à sua disposição e você logo resolverá essa questão sozinho. Existe alguma pessoa em alguma casa nessa terra que a MORTE não possa alcançar? Deverá *ele* ficar envergonhado pelo ambiente dos orgulhosos e ricos, ou deve ser mantido à distância pela miséria dos pobres dispersos? Ele estremece diante do riso de desprezo do homem, ou recua como se estivesse paralisado pela visão de sua indiferença? Não! De toda a raça caída que pode resistir a ele? Quem pode igualar sua força?

Bem, ele *encontrou* seu par. “O amor é forte como a morte” (Ct 7:6). **A morte é capaz de atingir a multidão? Assim é o amor!** Com tais forças do nosso lado, não temos nada a temer.

Milhões são formados por unidades, e “há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende” [Lc 15:10].

Mas antes mesmo de sair para

FALAR COM UM

faremos bem em avaliar nossa verdadeira medida à luz da cruz. Ali veremos o *amor* e a *morte* se abraçando. Naquela cruz aprenderemos a julgar a *nós mesmos*; aprendemos do amor que nos separou da morte, assumindo nosso lugar ali, para que pelo Espírito possamos estar unidos a Ele além dali.

Por nós, o Senhor deixou tudo o que é da carne no lugar de julgamento (prefigurado pelas cinzas da oferta pelo pecado) para que Ele pudesse nos servir no lugar onde agora está em glória. Nós só temos que fazer o que Ele faz, a saber, **usar da morte com o fim no amor** nos regozijando com esse privilégio.

O egoísmo é exatamente o oposto do amor e é o maior antagonista à sua manifestação. **O eu deve ser excluído para que o amor seja visto.** Mas como isso é sutil! Ele fará o possível para descobrir uma boa razão para se poupar do desconforto e da reprovação de ir pessoalmente até aqueles que realmente precisam do evangelho, e até considerará a si mesmo "espiritual" pela sua engenhosidade! Mas leve-o para a cruz. Seu amor pela facilidade, medo do desprezo do homem e seu orgulho espiritual certamente sofrerão um choque maior ali do que poderiam sentir em uma hora de visita entre os mais desamparados, ou se ficasse em alguma rua secundária declarando louvores Àquele que, por nossa causa, uma vez suportou os insultos e zombarias daquela cruz vergonhosa!

"A fé é pelo ouvir" [Rm 10:17 ARC]. Mas se eles não vierem até nós, como poderão ouvir se nós não formos até eles?

A idosa Ana "falou dele", e nós também podemos falar; e nós temos muito mais para contar do que ela! Ah, por um coração como esse para proclamar! [conf Lc 2:26].

Cada um de *nós* não pode dizer como O encontrou? De como fomos bem recebidos? De Sua amizade fiel e bondade, Sua paciente e terna simpatia e Seu socorro oportuno desde então? Não podemos assegurar-lhes calorosamente a da mesma acolhida e encorajá-los amorosamente a irem a Ele?

E se eles não tiverem tempo nem disposição para nos ouvir, não podemos deixar alguma mensagem impressa e entrar em contato novamente? Se tudo o que deixarmos for a impressão de que nos *importamos* com eles, não teremos entrado em contato em vão.

Só temos uma coisa a temer - o medo de esconder Cristo por nos intrrometermos. Talvez quanto menos lhes dissermos sobre *o lugar onde nos reunimos* melhor. Isso apenas nos rebaixará a colportores (ambulantes, vendedores) de uma dessas seitas rivais da cristandade e isto devemos evitar com todas as nossas forças. Essa é a nossa vergonha comum e uma séria pedra de tropeço. Podemos falar livremente com eles *sobre o lugar onde nos reunimos* e sobre a Pessoa que torna esse lugar o que ele é. Não há dúvida de que o que os homens *veem* em nós lhes dá um testemunho peculiar, mas é somente *a Cristo* que devemos dirigi-los, não é para nós mesmos nem para o nosso local de encontro. Caso se interessem, não hesitarão em perguntar onde nos reunimos e, quando vierem, deverão encontrar uma bela expressão da “família de Deus”, Sua paz repousando, nenhuma discórdia se manifestando, santidade habitando e o amor divino preenchendo cada coração.

Oh, que impressão causaria entre os homens se, pelo Espírito de Deus, no poder do amor e compaixões de Cristo, e com a exclusão zelosa do “grande obstáculo”, todos os verdadeiros cristãos do país foram movidos a cuidar dos perdidos! Se Jesus morreu por eles, não vale a pena procurá-los?

Que unidade haveria em tal testemunho! Que honra ao Cristo que amamos! Que alegria para o coração de Deus que enviou o Evangelho.

Oh, que pouco antes de nosso Senhor retornar Ele pode fazer isso acontecer! Só Ele pode.

Antes de encerrar, desejamos apresentar ao leitor apenas um exemplo feliz de um altruísta buscador de almas. O incidente ocorreu com um escritor cristão idoso e sóbrio no Sul de Gales, e foi notificado pessoalmente a mim por ele, que me atestou a veracidade dos fatos.

O incidente ocorreu há alguns anos, enquanto ele viajava de Bristol para Southampton.

Dois passageiros estavam na sua cabine - um ministro cristão e um trabalhador respeitável.

A despreziosa simplicidade do discurso e dos modos do último despertou imediatamente o interesse de meu amigo, especialmente quando ele compreendeu o objetivo de sua viagem. Ele estava viajando de algum vilarejo perto de Exeter para Portsmouth, a fim de ver e falar com um velho "amigo" que estava doente.

"É pouco provável que ele melhore", disse ele, "e não tenho certeza sobre a segurança de sua alma!"

"E você está percorrendo toda essa distância com o propósito de vê-lo?"

"Sim estou."

"Posso perguntar se você é um homem de família?"

"Sim, mas sou viúvo; minha filha mora comigo."

"E seus ganhos permitem que você faça uma viagem como esta?"

"Bem, sim; embora nunca tenha conhecido a cor de uma libra por semana!"

"Isso", disse meu informante, "me impressionou muito, especialmente porque o homem falou sobre isso de uma forma que me fez sentir que ele não considerasse isso algo muito extraordinário".

"Mas", disse ele, "fiquei ainda mais surpreso quando ele acrescentou: **sempre tenho um homem perdido na mira!**"

Parece que ele mesmo foi encontrado por Deus em graça a partir das

profundezas da miséria e à beira do total desespero, e então, depois que a luz raiou sobre ele, ele não apenas procurou andar de acordo com ela, mas também tentou fazer o seu máximo para trazer outros para ela.

Um pouco mais tarde na conversa, ele disse com seu jeito simples e seu estilo despretensioso: "**Até aqui nunca perdi um homem!**", embora ele tivesse, ao que parece, dedicado um longo e paciente trabalho por alguns anos para que o objetivo desejado fosse alcançado.

Num caso, confessou, cometeu um grande erro. O homem perdido era um pobre bêbado escravizado. "Meu objetivo", disse ele, "era primeiro torná-lo abstinente e depois vê-lo convertido. Só depois que ele quebrou *dez vezes o compromisso*, que eu o convenci a firmar, é que percebi onde estava errando. Então, sem esperar mais pela reforma, apontei-lhe a cruz. Sua alma foi salva e desde então ele tem levado uma vida cristã consistente e nunca mais retornou aos seus hábitos de beber."

Bem, caro leitor, é com muito exercício diante do Senhor deixamos essas linhas em suas mãos. Todo o nosso conhecimento das Escrituras, toda a nossa discussão sobre o que é o evangelho e como a obra deve ser feita, certamente não são suficientes, se, por falta de coração ou por amor ao conforto, evitarmos o trabalho de levar a mensagem àqueles que dela precisam. "*A fé é pelo ouvir; E como ouvirão se não há quem pregue?*" [Rm 17:17b, 14b – ARC].

De um registro antigo surge uma pergunta importante – a mais importante, pois foi feita por Deus:

"A quem enviarei, e quem há de ir por nós?"

Trabalhadores que Ele deseja, e todo coração que O ama é elegível. Não responderão o leitor e o escritor humildemente, mas com entusiasmo e alegria: "*Eis me aqui, envia-me a mim.*" [Is 6:8]

"Vem a manhã, e também a noite." [Is 21:12] Vamos remir o tempo, porque os dias são maus. [Ef 5:16]

*Uma vez que o curto período dessa vida logo passará,
Que cada dia seja o último,
E que este seja o nosso único esforço –
A cada hora listar Suas palavras:
Atender aos Seus benditos desejos até o fim,
Então habitar com Ele para sempre.*

Agora é a nossa oportunidade. A ELE prestaremos contas.

“Sê fiel...” (Ap 2:10)

Israel no deserto elogiou Abraão e perseguiu Moisés. Nos dias dos reis, eles louvaram a Moisés e perseguiram os profetas. Nos dias de Cristo, eles louvaram os profetas e perseguiram o Salvador. Nos dias dos papas, eles louvaram o Salvador e perseguiram Seus devotados seguidores. Multidões agora aplaudem a coragem e a fortaleza dos patriarcas e dos profetas, dos apóstolos e dos mártires, mas condenam como teimosia e tolice qualquer coisa parecida com a fidelidade à verdade.